

ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL NA ESCOLA: UM DESAFIO URGENTE PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM IMPERATRIZ - MA¹

Ivetilde Nascimento Delgado Mota²

Universidade Estadual do Maranhão/ tildedel@gmail.com

Ricardo Costa de Sousa³

Universidade Estadual do Maranhão/ ricardo_lut@hotmail.com

RESUMO

A Alfabetização Emocional na escola é um desafio urgente para a formação de professores, compreendendo o ambiente escolar na perspectiva da aprendizagem do educando nos dois hemisférios cerebrais: razão e emoção. O objetivo deste trabalho foi investigar a compreensão dos professores e que trabalho pode ser desenvolvido com a Alfabetização Emocional na escola. Embasando-se na pesquisa qualitativa, realizou-se observação *in loco* e entrevistas semiestruturadas com professoras e equipe gestora de escola dos anos iniciais da rede pública municipal de Imperatriz -MA. Percebeu-se que no ambiente escolar as emoções se manifestam cotidianamente e, por vezes, atrapalham o processo de aprendizagem e a convivência saudável entre os estudantes. Desse modo, o trabalho sinaliza para a proposição de formação continuada aos professores e equipe gestora, compreendendo a escola como espaço de trabalho que contribui para a formação da mente humana, podendo proporcionar o equilíbrio entre a razão e a emoção.

Palavras-chave: Ambiente Escolar. Formação Continuada. Inteligência Emocional.

INTRODUÇÃO

A emoção humana é uma temática que há muito instiga pensadores e pesquisadores das mais diversas áreas, em contraposição àqueles que tiveram os olhares voltados para a valorização da racionalidade, considerada como a mais importante capacidade no processo de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem do indivíduo.

Atualmente, percebe-se a necessidade urgente de uma mudança no fazer pedagógico escolar, devido ao cenário atual repleto de insegurança e conturbações advindas da convivência social e das relações interpessoais que se refletem no chão da escola. Assim, objetivou-se investigar a compreensão dos professores e que trabalho pode ser desenvolvido com a Alfabetização Emocional na escola.

O trabalho se desenvolve a partir de uma pesquisa de cunho qualitativo, bibliográfica e de campo a perceber se há e, qual é a compreensão do trabalho com Alfabetização Emocional no ambiente escolar, numa escola da rede municipal de Imperatriz – MA, que trabalha com a Educação

1 Recorte de um artigo apresentado como requisito para conclusão do Curso de Especialização e recebimento do título de Especialista em Psicologia da Educação da Universidade Estadual do Maranhão/UemaNet/2016.

2 Pós-graduada em Psicologia da Educação – Universidade Estadual do Maranhão – Núcleo de Tecnologias para Educação. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

3 Professor Orientador deste Artigo. Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no período de fevereiro e março de 2016, norteada a partir de um roteiro de entrevista direcionado. Participaram da pesquisa cinco professoras, uma coordenadora pedagógica, e uma gestora escolar, totalizando sete participantes. Para a preservação das identidades, na análise das falas abaixo descritas as professoras estão identificadas por (P1, P2, P3, P4 e P5); a Coordenadora Pedagógica (CP) e a Gestora Escolar (GE).

Cabe dizer que, para o desenvolvimento da pesquisa, tomou-se como referencial metodológico Elisabeth Teixeira (2003) e, como referencial teórico, tomou-se as contribuições de Goleman (2001, 2012), Wallon (*apud* DANTAS, 1992), Vigotski e Leontiev (1978, *apud* LANE, 1995) para discutirem sobre a importância do trabalho com a emoção, a Inteligência e Alfabetização Emocional.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ALFABETIZAÇÃO EMOCIONAL

Vive-se na era do conhecimento científico e da informação tecnológica que bombardeiam por todos os lados as mais diversas pessoas. Por isso, o cenário mundial pode ser caracterizado como volátil e fluído devido à incrível velocidade com que surgem as invenções e novas informações que, conseqüentemente, trazem mudanças nos mais diversos meios de produção e de atuação. No entanto, mesmo com tanto desenvolvimento, percebe-se mundialmente um meio de convivência social desordenado e vive-se também uma desordem no mundo econômico e político, com tomadas de decisões realizadas no “calor” das emoções em um espaço no qual deveria prevalecer, acima de tudo, a razão.

Goleman (2001) chama a atenção para o quanto a emoção predomina sobre a razão em momentos de impacto e/ou tomadas de decisão repentinas. Indica que, em geral, há um equilíbrio entre as duas mentes, a emocional e a racional, que na maior parte do tempo operam em estreita harmonia, entrelaçando seus modos de conhecimento de forma bela e delicada para que haja a orientação no mundo. Mas, para tanto, faz-se necessário o autoconhecimento e autocontrole adquiridos em um processo de aprendizagem denominado de Alfabetização Emocional.

No processo de aprendizagem da Alfabetização Emocional, está o trabalho na escola com os ensinamentos que objetivem o autoconhecimento, o controle das emoções, as resoluções de desentendimentos de forma pacífica e a boa convivência entre as pessoas. Experiências exitosas já são desenvolvidas em escolas americanas e também brasileiras, sendo administradas por professores, orientadores educacionais e psicólogos. Assim, é fundamental que os profissionais

tenham bem desenvolvidas tanto a inteligência intrapessoal (“capacidade de autoestima e de formar um conceito coerente e verídico de si mesmo”) quanto a interpessoal (“capacidade de compreender outras pessoas e o que as motiva”) – definições segundo a classificação de Gardner das Inteligências Múltiplas (GOLEMAN, 2012, p. 63).

Assim, torna-se indispensável a formação em Alfabetização Emocional para a prática escolar. Então, buscou-se a partir da pesquisa realizada, perceber quais conhecimentos o grupo de educadoras possuía sobre o tema. Perguntou-se inicialmente às participantes: Que conhecimentos você tem na área de Alfabetização Emocional? No conjunto das falas, percebe-se que o conhecimento da temática ainda não faz parte do cotidiano de estudo do grupo. Seguem, como exemplificação, os seguintes depoimentos:

Em alguns momentos de estudos, em cursos de formação tive a oportunidade de absorver algumas informações sobre o assunto, mas não fiz aprofundamento de estudos (GE); Já participei de palestras relacionadas ao tema, porém não me aprofundei (CP); Não tenho cursos na área, o pouco que conheço é a rotina do dia a dia (P1); Muito pouco, li alguns livros, mas não fiz nenhum curso (P2); O tema é novo para mim (P3); Não tenho conhecimento de estudo profundo, apenas leituras de pequenos textos (P4); Fiz estudos de livros na faculdade que tratavam sobre o assunto, mas necessito me aprofundar mais (P5) (Informação verbal, fev./mar. 2016)⁴.

Mediante o exposto, compreende-se a urgente necessidade de estudos que possibilitem a internalização e acomodação de tão importante conhecimento por parte dos profissionais de uma área social tão abrangente. Ressalta-se ainda a necessidade desse estudo no formato da formação continuada para possibilitar que teoria e prática sejam fontes de pesquisa-ação, podendo provocar novos olhares no fazer pedagógico de cada participante do processo de formação (TARDIF, 2002).

Segundo Wallon (*apud* DANTAS, 1992) o corpo da criança é também suas emoções dentro da sala de aula. Sua teoria pedagógica diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro. Ele fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Para ele, as emoções têm papel predominante no desenvolvimento da pessoa, pois é por meio delas que o aluno expõe seus desejos e vontades.

Assim, as emoções são as manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino. Assim, buscou-se perceber

⁴ Informações obtidas em entrevistas realizadas no período fevereiro e março de 2016 com cinco professoras (P1, P2, P3, P4 e P5), com a Coordenadora Pedagógica (CP) e a Gestora Escolar (GE).

nas entrevistadas se há manifestações de emoções e sentimentos no ambiente escolar as participantes responderam:

O ambiente escolar é de uma liberdade total, o que se percebe é que o educando expressa todos os tipos de emoções (P1); [...] o que ele é reprimido no ambiente familiar, se sente à vontade para expressar na escola (P2); Expressam emoções diversas. Uns são calmos, outros expressivos, [...] uns sensíveis, outros agressivos (P3); [...] as crianças hoje brigam com facilidade, são irritadas, cheios de problemas familiares (P4); [...] o ambiente escolar está se tornando cada vez mais o espaço para os alunos expressarem suas emoções, pois a família anda muito ocupada, sem tempo para ouvir (P5); [...] muitas crianças demonstram dificuldade emocional, difíceis de serem ajudadas (CP); [...] existem situações bastante negativas em todas as idades: muita rebeldia, atitudes de vingança, autoritarismo, [...] (GE). (Informação verbal, fev./mar. 2016).

Na observação *in loco*, percebeu-se que a busca para a solução de conflitos é uma ação aligeirada, não há espaço propício, como sala de atendimento, para conversas mais demoradas. Em geral, há aquela intervenção rápida com palavras de ordem: “não faça mais isso”, “você não pode fazer aquilo”, “desse jeito você não aprende” etc. Os motivos que provocam os comportamentos indesejados não são investigados para que haja uma intervenção realmente eficaz a fim de que se promova uma mudança de comportamento pela compreensão da emoção e/ou sentimento vivido.

A importância de também chamar para a discussão os estudos de Vigotski e Leontiev foi pela contribuição dada ao papel das emoções em seus escritos, aqui trazidos por meio do trabalho de Sílvia Lane. Um aspecto de destaque no decorrer dessa pesquisa foi a importância das emoções como mediadoras, ao lado da linguagem e do pensamento, na formação do psiquismo humano. Lane (2009) traz que são inúmeras as pesquisas que demonstram a natureza social e o caráter comunicativo das emoções, que constituem uma linguagem cujas mensagens tanto podem desencadear o desenvolvimento da consciência, como podem fragmentá-la.

Entende-se que as dimensões afetiva e cognitiva são importantes na relação professor-aluno, no que diz respeito ao processo de aprendizagem. Desse modo, é na relação professor-aluno, no espaço escolar, que se devem oportunizar momentos de aceitação do outro, assim como as expressões de emoções, de alegrias e de estímulos. Perguntou-se, o que se entende por essa relação?

Algo que está além do contexto de ensinar e aprender, deve acontecer observações e intervenções ao perceber a situação em que o estudante se encontra em busca de melhorar as atitudes emocionais (GE); Compreendo como uma parceria necessária que deve ocorrer para que haja um resultado satisfatório e a aprendizagem ocorra de fato e com prazer (CP); Deve ser de maturidade (por parte do professor) e de confiança (por parte do aluno) para que ambas as partes exerçam o seu “papel” com eficiência, sem frustrações ou pontos negativos onde o aluno não seja prejudicado (P1); [...] deve ser uma relação transparente onde o professor possa usar sua liderança, de forma que o diálogo esteja sempre presente, pois somente através deste o relacionamento entre o professor, o aluno e a família seria o

ideal (P2); [...] precisa ser de amizade com muito respeito, embora hoje precisemos ser mãe, psicóloga, médica, etc., que às vezes terminamos fugindo do nosso papel de educadora (P3); Deve ser estritamente afetiva, com respeito e paciência. Somente distribuindo afeto, muita paciência é possível ter uma relação de respeito e os objetivos serão alcançados. Será possível construir uma aprendizagem significativa (P4); Entende-se que em qualquer ambiente educacional tem que haver interação, compreensão, troca e liberdade condicionada ao respeito ao outro (P5) (Informação verbal, fev./mar. 2016).

O grupo pesquisado demonstra uma boa compreensão da importância dessa relação para a vivência de um ambiente escolar saudável e produtivo, dando pistas de que valorizam a afetividade como sentimento norteador dessa relação. Porém, nas conversas com a pesquisadora, várias admitiram que essa relação geralmente é conturbada, pois não se consegue estabelecer diálogos que deem conta de trazer resultados satisfatórios no sentido de criar um ambiente mais calmo e produtivo. Houve uma professora que afirmou sentir-se cansada do “embate” que precisa travar com os educandos todos os dias.

Na observação em salas de aula, foi percebido que há falta da liderança, como acima citado, prejudicando o direcionamento das atividades. As falas das professoras são em geral de reclamações, a fala do aluno é pouco valorizada e os conflitos são mal trabalhados. Assim, confirma-se, mais uma vez, que a formação continuada sobre o tema é necessária para a construção das habilidades emocionais no próprio grupo de trabalho, para que assim as professoras consigam trabalhá-las também em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - PARANDO POR ENQUANTO...

Alfabetização emocional na escola: um desafio urgente para a formação de professores, é uma temática que se faz necessária, porque, por um lado, visa compreender a função da escola na Alfabetização Emocional como uma intencionalidade urgente, uma vez que se percebe ainda o grande contraste existente entre o que a escola quer alcançar e o que realmente alcança. Por outro lado, chamar atenção para a importância do trabalho com a emocionalidade humana no contexto escolar, compreendendo o papel do professor como essencial no processo da Alfabetização Emocional, significa construir com o aluno uma relação de confiança baseada na afetividade.

A partir das respostas obtidas e do contexto observado e das entrevistas, compreende-se que a escola ainda está longe de desenvolver um trabalho com a Alfabetização Emocional, pois, o ambiente escolar está permeado por expressões de agressividade entre os educandos e que há dificuldades por parte das profissionais em lidar com esses conflitos.

Em relação ao conhecimento sobre Alfabetização Emocional, o grupo pesquisado manifestou pouquíssima informação, porém todas demonstraram interesse e afirmaram ser um estudo necessário para o norteamento de uma prática pedagógica que possa trazer melhorias para o ambiente escolar, para o crescimento do próprio grupo de trabalho e para a relação professor-aluno.

As professoras demonstraram também boa compreensão sobre o papel fundamental que podem ter no desenvolvimento da inteligência emocional dos seus educandos. Porém, precisam estudar e ter acesso a uma formação continuada em serviço que lhes possibilite compreender como a escola pode desenvolver um trabalho que consiga modificar as deficiências encontradas nas crianças e nos jovens, relativas à sua competência emocional e social.

Por fim, entende-se que outros profissionais também se fazem necessários na escola, de modo a fortalecer a equipe gestora na criação de espaços de diálogo no ambiente escolar, promovendo rodas de conversas e estudos com temas que evidenciem a Alfabetização Emocional. Essa é uma das estratégias possíveis para que a escola seja capaz de oferecer aprendizagens significativas, partindo do controle das emoções, como defende Goleman, e consiga promover a humanização da inteligência, trabalhando com a unidade das dimensões cognitiva e afetiva no funcionamento psicológico de todos os sujeitos que convivem no ambiente escolar, como sinalizam Wallon e Vigotski.

REFERÊNCIAS

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. ed. rev. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVERA, Martha Kohl de. *Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Silvia; SAWAIA, Bader B (orgs). *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. 6. ed. Belém: UNAMA, 2003.